



O MEDO, A DISCIPLINA E A LIBERDADE

Francisco Batista Torres de Melo

O homem imagina ser grande e verifica que é pequeno; imagina ser feliz e vê que é miserável; imagina ser perfeito e descobre que está cheio de imperfeições; imagina ser o objeto do amor e da estima dos homens, e descobre que seus erros lhe causam apenas aversão e desprezo. O embaraço em que se encontra então produz nele as mais injustas e criminosas paixões que se possa imaginar, pois concebe um ódio mortal contra a verdade que o inculpa e o convence de seus erros.

Pascal, Pensées

O homem é um animal que sofre influências de impulsos básicos que atuam em sua constituição biológica e psíquica. O impulso combativo leva-o à luta pelo poder e ao desejo de dominar os seus semelhantes. No passado remoto este instinto combativo era levado pelo prazer de realizar combates onde movimentos dos órgãos eram utilizados. Atualmente, em virtude do aprimoramento da cultura humana, o homem teve canalizado o instinto combativo para a defesa da pátria, da liberdade, da paz. Isto representa um grande esforço humanitário coletivo.

Quando o homem luta, o seu sistema nervoso pode se apresentar de forma agressiva ou defensiva. No primeiro caso ele tenta destruir; enquanto que, no segundo, ele tenta fugir da violência.

A ameaça representa uma violência daquele que torna a ofensiva e o torna mais forte diante daquele que se defen-

de. O estado defensivo é o produto de ações preventivas em face de uma ameaça, seja ela física, biológica ou psíquica. O fraco sente, ante a ameaça, uma reação que o pode levar até ao pavor. Esta reação se manifesta no medo.

No campo do domínio político, é o medo a grande arma para a inibição das massas. Elas são dominadas pela incerteza do amanhã, pela perspectiva angustiante do enquadramento total do homem dentro de uma estrutura opressora. Esta esmagadora potência do medo é uma conquista da arma da propaganda que o utiliza como base de sua ação.

A civilização atual é esmagada pelo medo, produto do materialismo que a domina, vivendo a angústia eterna do desconhecido. É a civilização do determinismo. Tudo acontece porque não somos nada mais do que a evolução constante da matéria que se transforma e se aperfeiçoa, como se fôssemos apenas

partículas infinitamente pequenas de um universo que nos dita o nosso destino.

Não temos nenhuma influência. A inteligência humana, nesta miserável civilização materialista, nada representa. Não temos alma, não temos princípios morais que nos possam guiar. Somos apenas matéria. Voltamos a ter medo porque regredimos na cultura.

Somos hoje a mesma civilização da época primitiva que acreditava na "vontade dos deuses". Era o fatalismo de um destino irremovível. Num livro de Barbara Ward encontramos o estudo ritual da civilização primitiva, onde tudo era explicado pelos deuses que representavam os fenômenos da natureza. A mão suprema, a deusa da fertilidade, com os vários nomes adotados pelos diversos povos, representava a religião materialista daquela época, onde tudo era produto da matéria. A Mãe Suprema — Isis, Osíris, Cibele etc — era a divindade que tudo regulava, nascimento e morte, renovação e decadência.

Hoje, apenas os nomes mudaram. Temos outras palavras que significam outros deuses. Materialismo histórico, evolução e desenvolvimento são termos utilizados para expressarem verdades que não poderão ser duvidadas. São os novos deuses que estão infelicitando a humanidade. Na sociedade primitiva cada indivíduo sabia qual o seu destino na Terra. Isto era imutável. Hoje este destino pertence ao Estado. Na incerteza do amanhã, a civilização moderna tem medo do seu destino e o homem torna-se um neurótico, um doente dentro daquilo que ele mesmo criou na ambição do domínio do mundo, esquecendo o seu interior.

Erich Fromm, no seu maravilhoso livro — *Medo à Liberdade* — estuda

a angústia do homem, que se vendo perdido na civilização atual, procura encontrar a sua felicidade na perda da liberdade. Esta liberdade está sendo perdida, pois os menores detalhes da vida humana estão sendo regulamentados pelo Estado. É a disciplina.

DISCIPLINA

Na sociedade moderna o homem perdeu o direito de viver como pessoa humana. Ele passou a ser uma parte de uma multidão e assim é tratado. É uma ficha, uma carteira, um cadastro e nunca um homem. É enquadrado dentro da massa e dela não pode discordar, pois irá ferir o princípio da civilização tecnocrata. A utilização dos meios de divulgação, a uniformidade dentro do trabalho, as demonstrações das grandes massas diante dos grandes logradouros esmagam a liberdade do homem e o tornam um disciplinado pelo medo. É a violação psíquica, é o esmagamento do indivíduo e a grandeza da força da Técnica.

Os ditadores necessitam de obediência cega e para isto inculcam por todos os meios a necessidade da disciplina, onde o fator da punição é explorado ao máximo para se criar o medo constante no indivíduo. A deportação para a Sibéria, as prisões em massa etc. são grandes remédios para abafar o direito da liberdade. Cria-se, assim, uma sociedade em que a ameaça da punição produz aquilo que Platão magistralmente afirmava: "homens corajosos que só o são por covardia."

A finalidade da disciplina, que na grande civilização grega era a ordem da sociedade pela razão, passou a ser, na civilização moderna, a força capaz de esmagar o homem para enquadrá-lo na massa.

Na cultura atual a disciplina tenta formar homens com a mentalidade materialista; temos a formação de papagaios, isto é, de homens que apenas repetem o desejo do Estado ou o de seus dirigentes.

Na democracia adota-se a disciplina racional, onde se procura preservar a personalidade no grande desejo de se respeitar a pessoa humana.

Na civilização do determinismo prega-se a disciplina irracional, onde tudo é feito para tornar o homem apenas uma máquina, sem ter o direito de iniciativa, mas apenas executar ordens.

Triste fim de uma civilização. Homens autômatos e não racionais. Homem enquadrado na massa e não mais o indivíduo livre. Homem com medo de ser homem, esmagado por uma propaganda que o deixa apavorado em face do futuro. Parece que toda a civilização adotou o passo de ganso, símbolo de soldados autômatos, verdadeiros robôs, enquadrados numa disciplina que transforma seres vivos em máquinas de destruição sem alma e sem moral. Esta disciplina é a disciplina de opressão. Disciplina de força. Nas democracias, nos regimes que se fundamentam no respeito à pessoa humana, vamos encontrar também a disciplina. A disciplina racional. Aquela em que o homem tem o direito de discordar, tem o direito da iniciativa.

No caso das democracias, a disciplina é o exato cumprimento do dever, o respeito à Lei e à igualdade de todos perante esta mesma Lei. A disciplina democrática compreende a camaradagem, o respeito mútuo entre chefes e subordinados, demonstrações de cortesia, consideração e respeito entre todos.

Comparando-se a disciplina opressiva da civilização materialista com a disciplina democrática da civilização cristã,

vemos que elas se diferenciam no seguinte ponto fundamental: na primeira, temos que a obediência só se faz de cima para baixo. Na segunda, esta obediência se faz nos dois sentidos, onde o exemplo do chefe é a pedra angular da ordem.

O melhor exemplo que encontrei para definir uma sociedade que adota a disciplina da razão é a citação de Hesíodo, escritor grego que escreveu o livro *Obras e Dias*. Numa passagem ele afirma:

“Quando o homem se submete à justiça, a cidade em peso floresce, a terra produz fartas messes e as crianças e os rebanhos se multiplicam; mas para o homem iníquo toda a natureza se apresenta hostil, o povo consome-se pela fome e pela peste e o pecado de um único indivíduo pode acarretar a ruína de toda a cidade”.

A submissão à justiça é a disciplina consciente. É a ordem e o respeito às instituições. Quando isto periclita estamos ameaçados de perder a liberdade.

Onde vamos encontrar a liberdade? Será que ela desapareceu ou tende a desaparecer?

LIBERDADE

Não acreditamos que ela esteja no seu fim. Como já afirmou o Dr. Johnson: a liberdade continuará transparecendo a cada instante, muito embora não lhe seja reservado um lugar certo na civilização materialista em que vivemos. O medo e a ambição da época contemporânea fazem com que o homem seja o fantoche que se balança nos cordéis manobrados pelos ditadores.

Quando, no curso da História, os homens se deixam guiar pelos impulsos materiais, perdem a capacidade de liberdade e se tornam prisioneiros da própria

ambição. As promessas de progresso de uma Alemanha forte causaram a desgraça do povo alemão. A frase repetida na Itália — Mussolini tem Sempre Razão — conduziu o povo italiano à escravidão. As depurações na Rússia foram produtos dos crimes de Stalin e o povo russo não teve o direito a protestos.

Quando se fala em liberdade é preciso que todos acreditem no respeito à pessoa humana, o mais sagrado direito do homem. Quando tudo é feito para enquadrar a massa, para que todos acreditem numa única verdade, quando a propaganda esmaga o pensamento humano, fazendo com que ele seja estereotipado, estamos ameaçados de perder a liberdade.

Serge Tchaknotine, no seu livro *Mistificação das Massas pela Propaganda Política*, escreve esta passagem sublime:

“Para onde marcha a humanidade? Como é possível que ela continue correndo, fatalmente, para o suicídio? Por que esta incapacidade de dirigir seu destino, quando tudo prova que o produto da inteligência humana, a ciência e suas conquistas, os progressos técnicos e os da cultura atingiram alturas vertiginosas?” Que é cultura? Não é uma evolução do homem para a sua emancipação, sua libertação das dificuldades materiais, seu impulso para um estado em que todas as sementes sublimes, de que ele é o receptáculo, por eleição, possam desabrochar?

“Na marcha para a liberdade está o sentido da cultura humana. Os benefícios materiais não saciam os desejos do homem; desde que os adquire, aspira a valores mais altos, satisfações, anseios de ordem puramente espiritual e isso é inconcebível sem a liberdade.”

Cultura e Liberdade não se separam. A sede do homem, a sua bebida que o torna sublime e o satisfaz na ânsia do espírito, é a liberdade. Esta bebida salutar se encontra faltando ao mundo moderno e o homem tem medo de si mesmo e vive angustiado pela morte. Vive o homem na solidão. Tem o isolamento como única fuga do espírito. Torna-se um louco e ameaçado na sua loucura por aquilo que construiu. Ele esquece as palavras de Balzac: “Aprende uma coisa, porém, grava-a em tua mente que ainda é maleável; homem tem horror à solidão. E de todas as espécies de solidão, a mais terrível é a solidão moral. Os primeiros eremitas viviam com Deus, habitavam o mundo mais povoado, que é o mundo dos espíritos.”

O homem do século XX vive a solidão moral. Não acredita em si, no semelhante, na civilização que expressam matéria (desenvolvimento — evolução — planejamento etc.) e não encontra nada para o espírito. Vivemos a mais grave das doenças que periodicamente atinge as civilizações: É que o homem não acredita em liberdade.

JOHN DEWEY afirmou o seguinte: A ameaça mais grave à nossa democracia não é a existência de Estados totalitários estrangeiros: é a existência em nossas atitudes pessoais e em nossas instituições de ameaças que fazem com que a nossa cultura fique ameaçada. O egoísmo da civilização materialista está nos conduzindo a que não tenhamos direito à liberdade. Para resolvermos todos os nossos problemas é preciso apenas que o homem se encontre a si mesmo. mesmo.

A seguinte estória bem espelha a situação em que vivemos:

— Um homem tinha perdido sua fortuna. De rico tornou-se pobre. Pro-

curou um amigo e contou o seu drama. O amigo, depois de ouvi-lo disse que nada poderia fazer. O homem tornou-se de uma palidez mortal. Era a própria morte. O amigo então, após alguns segundos, disse que havia uma pessoa que talvez pudesse ajudá-lo. O desesperado pegou a mão do amigo e exclamou: Leve-me logo a esse homem, pelo amor de Deus! Era a esperança, era o raio de luz. O amigo o conduziu para uma sala e o colocou em frente a um espelho e disse: "Este é o homem que poderá ajudá-lo. Só ele, no mundo inteiro, poderá reconstruir a sua vida."

Este conselho salvou a vida de um homem. Agora poderemos dizer que só a humanidade poderá salvar-se a si mesma e para isto é necessário apenas que

tenha fé e esperança e que acredite na Liberdade.

Se todos nós repetíssemos estas palavras, tudo estaria solucionado: Creio na liberdade. Creio naqueles que lutam pela liberdade. Creio no espírito livre, porque livre é o homem. Creio nas leis que defendem o meu direito e lutarei pelo direito dos outros. Creio na bondade dos homens porque ele é a semelhança de Deus.

Podemos concluir que:

A civilização moderna vive o drama do medo porque não tem Liberdade e vive presa na Disciplina das multidões, onde o homem é uma peça de uma máquina que o escraviza — O Estado.



O General-de-Brigada Francisco Batista Torres de Melo, atual Comandante da 12ª Região Militar, é originário da Arma de Infantaria. Realizou com méritos todos os cursos exigidos para seu nível de Oficial General, inclusive o de Comunicação Social, do CEP (Centro de Estudos de Pessoal).